

## O Gesso (Rubem Braga) - Intervenções

Adelaide Pimenta: Talvez um dia eu mande passar para o bronze; mas me afeiçoei a essa cabeça de gesso encardido que é a única lembrança material que tenho daquela que partiu.

O bronze, como no sino que ressoa, eterniza a lembrança. Mas o gesso, perecível, frágil, lembra a condição humana. Encardida de tanto manusear e de ver o tempo passar. Perenidade versus eternidade. Dor da existência.

Camila Maciel Polônio: Seus olhos parecem fitar um mundo estranho, contemplar alguma coisa além das coisas deste mundo. O ar é severo, quase triste. Mas sei como fazer vibrar essa imobilidade; minha arma é a luz. É com a luz que devagar e ternamente vou passeando os olhos pela face, a testa, a orelha delicada, os cabelos presos atrás por um laço. Então é como se os músculos ainda vivessem e os cabelos ainda tivessem o brilho macio, os lábios ainda pudessem se comprimir levemente, como se ela tivesse alguma palavra a dizer e não quisesse dizê-la.

O escultor não se deixou encantar por sua beleza; trabalhou com dura honestidade, com lenta obstinação, menos preocupado em fazer uma obra de arte em si mesma que em retratar a mulher.

Bluma Wainer não é mesmo senhor Braga? E eu fico aqui a compartilhar desse amor atento. O senhor permitiu que um outro fizesse a escultura do seu ser amado e naquele gesso cada detalhe além da aparência foi eternizado.

Roque Tadeu Gui: Quem foi Bluma Wainer, Camila? A mulher amada?

Camila: Samuel Wainer era um dos melhores amigos de Rubem Braga, sua esposa Bluma Weiner foi amante dele. Samuel Wainer, após a morte de Bluma (se não me engano) casou-se com Danusa Leão. Danusa também foi uma das paixões de Rubem. Samuel e Bluma eram amigos de Clarice Lispector e foi em uma das biografias ou entrevistas que vi sobre ela que fiquei sabendo dessa história.

Roque eu realmente não achei onde li na História da Clarice Lispector mas achei no Google uma reportagem onde dizem que o Gesso é em referência à Bluma Wainer. Segue o link:

[http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2013/07/20/noticia\\_pensar,144480/nacidade-e-na-roca.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2013/07/20/noticia_pensar,144480/nacidade-e-na-roca.shtml)



Roque Tadeu Gui: Obrigado, Camila. Olha aí, abaixo, uma foto da musa.

Vera Amaral: Quantas vezes vi esses olhos rindo em plena luz ou brilhando suavemente na penumbra, olhando os meus. Agora olham por cima de mim ou através de mim, brancos, regressados com ela à sua substância de deusa.

O olhar dos deuses não procura, não espreita como os seres apaixonados. Os deuses esperam... Aguardam pacientemente que o amor se transforme em adoração, que chega em um misto de êxtase e desencanto.

Camila Maciel Polônio: Agora ninguém mais a poderá ferir; e todos nós, desta cidade, que a conhecemos um dia; e, mais que todos, aquele que mais obstinada, mais angustiosamente soube amá-la, aquele que hoje a contempla assim, prisioneira do imóvel gesso, mas libertada de toda a dor e paixão tumultuária da vida – todos nós morremos um pouco na sua ausência.

Os olhos duros da imagem contrastando com os olhos vivos da lembrança. Mas, naquela estátua, uma vida ali se instalou não foi mesmo? A vida de um amor em memória. Como deve ter sido duro o encontro diário com o gesso. E agora? Seria possível que o desejo em transformar o maleável gesso em um processo de fundição no bronze uma forma de colocar no fogo o amor que arde em lembranças?

Vera Amaral: Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade; subitamente me sinto viver uma tarde antiga, como se a vida tivesse voltado um instante – ouço aquela voz dizer o meu nome, o bater de seus saltos na calçada ao meu lado. Mas são lembranças vivas, carregadas de prazer e de angústia. Doem-me. Paro um momento na rua, como se fosse para deixar a tarde antiga passar pelos meus ombros, levada pela brisa; paro um momento e regresso ao dia de hoje, com todos os jogos do destino já idos e jogados.

“Les jeux sont faits!” A roleta logo apontará um número, uma cor. Ninguém ganha nesse jogo. Mas todos continuam em volta da mesa.

**Mas à noite quando volto para casa, a cabeça de gesso me espera – imemorial, neutra, severa, apenas quase triste. E minha ternura é toda sossego e pureza.**

Roque Tadeu Gui: Braga, você desafia os cânones da crônica! Seu texto é prosa poética! Vincula-se à crônica talvez por evocar o cotidiano ato de contemplação. Fala de um amor perene, atemporal; daí a fantasia de imortalizá-lo em bronze, protesto contra a efemeridade do calcário! Mas a poesia exige a fugacidade da imagem branca que o aguarda ao final do dia. Amanhã, mais uma vez, seu olhar iluminará os cabelos da amada presos pelo laço. O gesto de amor se renovará.

Silvia Graubart: Durmo. No sonho, bocas, olhos, serenidade, ternura mesclam-se num caldeirão alquímico, vão se liquefazendo, diluindo, compactando novamente, enrubescendo. E minha companheira se revela dentro. Ganha contornos maleáveis, quentes, brilhantemente acobreados, bronzeados, de material mais nobre, resistente, definitivo... Parte de mim que eu conhecia apenas como estatua de gesso se revela.  
(Silvia)

Aurea Christina: Foi no momento em que o grupo começou a imaginar um encontro entre nós, e que, para nos reconhecermos, poderíamos levar “cabeças de gesso”: foi nesse instante que pensei em uma intervenção nesse texto. Alguns de nós, não conhece um ao outro pessoalmente, e a partir daí comecei a imaginar como seria a cabeça de cada um : uma brincadeira divertida. No encontro aqui no Rio de Janeiro houve um encontro assim: eu e Camila. Embora não tenhamos levado cabeças pro evento, nos encontramos.

Inicialmente me lembrei que eu tenho uma escultura de uma cabeça que ganhei em um amigo oculto do instituto, aqui do Rio. e: não sei quem a comprou, mas eu fui sorteada e, por isso, acho que ela me escolheu. Gostei dela imediatamente e hoje enfeitei minha sala e eu a levaria para um encontro de reconhecimento. Resolvi, então, assim como Braga, conversar com essa cabeça: sempre senti-me orgulhosa de tê-la ganho. Sempre a percebi como uma cabeça feminina, mas olhando agora mais detalhadamente, vejo que bem poderia ser masculina. A face é oriental, de olhos amendoados, com traços delicados e suaves. Expressão serena, com alguma severidade, mas feliz.. Cabeça coroada com um chapéu triangular apontando para o alto como a captar o espiritual, como aqueles do budismo tibetano: há desenhos, talvez flores, e uma pequena mandala central, em simetria perfeita. Das orelhas pendem grandes brincos e o pescoço está contornado por dois colares de contas. Ela é de uma só cor, de argila, portanto toda de cor castanha, a cor da terra. O cabelo não aparece, então não sei se tem cabeleira penteada ou descabelada ou talvez careca. No entanto, com essa bela coroa, para que cabelo? Será uma deusa tibetana? A Tara Verde ou Tara Vermelha? Afinal, para mim ela é feminina. Assim como Braga, eu tenho uma cabeça que me fita e talvez me proteja e cuide de mim. Uma cabeça sem cabeleira penteada ou descabelada, mas coroada. Mas e agora, Braga?

**Adelaide Pimenta:** E agora? Cabeça sem coração, olhos a fitar o eterno! Qual será o vazio que ela preenche? Que solidão acompanhada!